

## O Sagrado Feminino nos Cristianismos “indianos”

Rozely Menezes Vigas Oliveira

As palavras que seguem são apenas algumas conjecturas e ideias surgidas durante o curso “O Sagrado Feminino: das origens ao cristianismo”. Como pesquisadora da vida religiosa feminina na Época Moderna, com enfoque num convento goês, as aulas permitiram um novo olhar para o aspecto feminino nos cristianismos praticados em terras, majoritariamente, hindus. Quando falo cristianismos, menciono não somente o catolicismo implantado pelos missionários portugueses, como também o cristianismo secular presente no Malabar e em Mylapore, costas oeste e leste ao sul da Índia. Não pretendo aqui desenvolver uma análise detalhada, apenas lançar o princípio das mencionadas ideias. Para tal, serão utilizados dois exemplos de imagens de pássaros que me parecem estar ligados ao sagrado feminino, mas que foram adaptados por esses cristianismos.



Fontes: <https://anudinam.org/2013/07/13/mylapore-sri-adikesava-perumal-thirukkoil-vasanthotsavam/> (imagem à esquerda). <https://www.museumofchristianart.com/> (imagem à direita).

A imagem à esquerda é a foto de uma deidade hindu, Mayurvalli, presente no templo Adi Kesava Perumal, em Mylapore. Mayurvalli, personificação de Lakshmi, seria

a esposa de Adi Kesava Perumal, avatar de Vishnu. Seu nome significa “com os olhos de um pavão” e uma das representações da deidade é o próprio pavão. Nessa região e na do Malabar, existiam comunidades cristãs de rito sírio oriental, ligadas ao patriarcado da Igreja Assíria Oriental, conhecida também por Igreja Caldaica, Igreja Persa ou Babilônica. O mito fundador dessas comunidades remetia ao apóstolo São Tomé, que teria saído para evangelizar as terras ao Oriente e estabelecido, primeiramente, a comunidade na região do Malabar e, depois, seguindo para a costa leste fundado outra em Mylapore, onde teria morrido. Reza uma lenda de que o santo apóstolo se metamorfoseava em pavão e que teria sido morto em uma dessas transformações por um caçador. Originalmente, um símbolo feminino, este mito cristão-malabar revela como essa cristandade foi fortemente influenciada pelas tradições locais, sendo uma adaptação dos cristãos às crenças hindus. Contudo, também demonstra como a tradição dessas comunidades cristãs procurou relacionar o nome do local com São Tomé através do mito. Meliapor (Maylâpur, Mayllapûr, Mayurapusa ou Mailapur), provém de Mayurvalli e significa “cidade do pavão”. Ao rebatizarem a cidade como São Tomé de Meliapor, os malabares e também os portugueses afastavam a origem do significado feminino e hindu do nome e atrelava-o aos seus interesses missionários.

A imagem à direita, por sua vez, é um sacrário-custódia, feito em prata branca, por volta da década de 1630, que encontra-se, atualmente, no Museum of Christian Art, na cidade de Velha Goa. Este sacrário, pertencente às freiras do convento de Sta. Mônica de Goa – que esteve em funcionamento do início do século XVII ao final do XIX –, é a representação de um pelicano de asas abertas, alimentando as crias sobre um globo. Levando em consideração que é possível perceber a presença do sagrado feminino – esse conceito que interpreta a relação da mulher com a natureza e com o divino – em símbolos cristãos vistos como masculinos, torna-se possível talvez observar o mito do pelicano eucarístico como uma manifestação feminina de Deus, neste caso de Jesus. O pelicano, que alimenta os seus filhos com seu próprio sangue e se sacrificando, ao mesmo tempo que simboliza Cristo dando a vida pela salvação da humanidade, pode ser visto como uma mãe que alimenta seus filhos. Como foi visto nas aulas, Deus também foi representado na Bíblia com características femininas, sendo apresentado com um rosto materno e zeloso. Portanto, por meio do mito do pelicano, pode-se considerar o lado feminino do divino presente na Paixão de Cristo, o que se encaixa perfeitamente num objeto de culto dentro de um convento feminino, em que a relação com o sobrenatural tem características bastante díspares da relação dos homens com o divino.

Embora não possuam relação direta, ao participar das aulas do curso, ministrado pela professora Lidice Meyer, as duas simbologias de aves presentes nos cristianismos na Índia estão me auxiliando no princípio de um novo olhar sobre meu objeto de estudos e na busca mais atenta à presença do sagrado feminino nas imagens e nos símbolos cristãos pertencentes ao universo religioso feminino do Império português. Gostaria, nestas últimas palavras, agradecer à professora por essa instigante experiência.

Referências bibliográficas:

FOLIETO, Hugo. *Livro das aves*. Tradução e introdução por Maria Isabel Rebelo Gonçalves. Lisboa: Edições Colibri, 1999.

GOMES JUNIOR, Odimar. *Encontros e desencontros na Índia do século XVI (1502-1599): a redescoberta dos cristãos de São Tomé pelos portugueses e a tentativa de latinização do rito siro-malabar até ao Sínodo de Diamper*. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. São Gonçalo. 2021.

SERRÃO, Vítor. Pintura e devoção em Goa no tempo dos Filipes: o mosteiro de Santa Mónica no “Monte Santo” (c. 1606-1639) e os seus artistas. *Oriente*, nº 20, 2011, p. 11-50.

THOMAZ, Luís Filipe F. R. A Carta que mandaram os padres da Índia, da China e da Magna China: um relato siríaco da chegada dos portugueses ao Malabar e seu primeiro encontro com a hierarquia cristã local. *Revista da Universidade de Coimbra*. Coimbra: UC Biblioteca Geral 1, 1991, v. XXXVI, p. 119–181.

\_\_\_\_\_. A lenda de S. Tomé Apóstolo e a expansão portuguesa. *Lusitânia Sacra*. Lisboa: Universidade Católica de Lisboa, 1991, v. III, p. 349–418. (Série Separatas, 233).

<https://doi.org/10.34632/lusitaniyasacra.1991.8073>